

## 'Casa' ou 'caça'? Efeitos da duração do vozeamento da fricativa [z] na inteligibilidade de pares mínimos do Português Brasileiro produzidos por hispânicos

*Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS-CNPq)*

*Leonardo da Rosa (UFRGS)*

*Ana Carolina Signor Buske (UFRGS)*

*Luciene Bassols Brisolara (FURG)*

De acordo com uma visão tradicional de Fonologia, a distinção entre pares mínimos tais como 'caça' [s] e 'casa' [z], no Português Brasileiro, deve-se ao valor positivo ou negativo do traço [voz], de modo que o segundo membro do par seja produzido com, e o primeiro sem, vibrações das pregas vocais. Tal fato tem sido apontado pela literatura (AKERBERG, 2004; SOBRAL, NOBRE & FREITAS, 2006; SILVEIRA & SOUZA, 2011; OLIVEIRA, 2016) como um fator de dificuldades para o aprendiz hispânico, uma vez que, em função de sua dificuldade em vibrar as pregas vocais na produção da fricativa sonora, os membros de tais pares poderiam, em princípio, vir a ser indistinguíveis.

A observação acústica dos dados de Português Brasileiro produzidos por hispânicos, entretanto, evidencia que a realização da fricativa sonora como em 'casa' vai muito além da mera dicotomia 'presença' vs. 'ausência' de vozeamento. De fato, os aprendizes não mudam de um estágio em que simplesmente não vozeiam a fricativa a um estágio seguinte em que a fricativa é plenamente vozeada. O processo de desenvolvimento do aprendiz é tal que ele aprende a vozear gradativamente, de modo que a porção vozeada da fricativa acabe sendo cada vez maior, à medida em que o referido aprendiz vá crescendo em termos de proficiência. Tal fato fonético-fonológico pode ser entendido a partir de uma concepção dinâmica de desenvolvimento de segunda língua (SILVA, 2014; ALVES, 2018), de acordo com a qual a tarefa do aprendiz é aprender a temporalidade do vozeamento referente à fricativa. Em outras palavras, é preciso aprender a orquestrar a temporalidade (ZIMMER; ALVES, 2010; KUPSKE; ALVES, 2017), explicável através de modelos de tempo intrínseco da Fonologia, tal como a Fonologia Acústico-Articulatória (ALBANO, 2001).

Dado que o vozeamento não é uma questão de 'tudo' ou 'nada', questionamentos a respeito de uma possível zona limiar perceptual entre as categorias funcionais de 'surdo'-'sonoro' fazem-se pertinentes. O presente trabalho, dessa forma, visa a verificar o grau de vozeamento da fricativa produzida por falantes hispânicos para o estabelecimento da distinção entre as categorias 'surdo' e 'sonoro' por ouvintes brasileiros. Para isso, utilizaram-se dados de seis falantes hispânicos (variedades Latino-Americanas de Espanhol), que se encontravam residindo no Brasil (cidade de Rio Grande-RS) há aproximadamente 2 meses. Uma vez que os padrões de vozeamento e de duração vocálica prévia à fricativa variavam tanto intra quanto inter-individualmente, optamos por manipular o grau de vozeamento dos dados. Assim, a partir de estímulos desvozeados, manipulamos as ondas acústicas de produções como 'calsla' a fim de obtermos produções com 25, 50, 75 e 100% de vozeamento da consoante focalizada. Essa manipulação se deu pela sobreposição progressiva de trechos vozeados às produções desvozeadas, simulando o princípio de coarticulação de seguimentos, aplicando-se um efeito de crossfade entre os

trechos. Estando a duração vocálica antecedente e a duração da fricativa controladas, fez-se possível, assim, analisar o papel da duração vocálica.

Da posse dos estímulos manipulados, elaboramos uma tarefa de identificação no software TP (RAUBER et al., 2013), a partir do qual os falantes nativos do PB deveriam indicar se a fricativa ouvida corresponderia à categoria de [s] ou [z], de modo a constituir o que Derwing & Munro (2015) denominam de 'inteligibilidade local'. Participaram do experimento 35 estudantes do Curso de Letras da UFRGS, falantes nativos do PB, sem experiência com o Espanhol. Os resultados demonstraram que mesmo um baixo índice percentual de vozeamento na fricativa já se mostra capaz de levar os participantes a identificá-la como sonora. Tais resultados mostram-se pertinentes (i) para a área de ensino de pronúncia de Língua Estrangeira, uma vez que mostram que o vozeamento da fricativa não necessariamente ser pleno para que a sua produção possa ser considerada com sonora, e (ii) para prover evidências de uma visão dinâmica de aquisição de L2, a partir da qual as distinções funcionais são estabelecidas através da temporalidade dos elementos gestuais (BROWMAN & GOLDSTEIN, 1992; ALBANO, 2001).